

DOSSIÊ 27 - ENTRELAÇAMENTOS CRÍTICOS NA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA

CRITICAL ENTANGLEMENTS IN LANGUAGE EDUCATION

Miriam Jorge¹, Nara Hiroko Takaki², Rosane Rocha Pessoa³, Souzaana Mizan⁴

¹ University of Missouri (MU), Saint Louis, MO, United States of America
<https://orcid.org/0000-0001-8397-4916>
miriamjorge@umsl.edu

² Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, MS, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-8574-5842>
narahi08@gmail.com

³ Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-0538-2891>
ressoarosane@gmail.com

⁴ Universidade federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, SP, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-8818-5403>
souzana.mizan@unifesp.br

Recebido em 27 abr. 2023
Aceito em 27 abr. 2023

APRESENTAÇÃO

As pesquisas sobre a educação linguística, contextos de ensino e formação de professores, nas últimas décadas, têm atraído olhares críticos para fenômenos sociais que afetam diretamente a práxis de profissionais nos campos da linguística aplicada, educação e áreas afins. Os contextos de ensino com suas especificidades deixam de ser o pano de fundo, mas se configuram como zona de contato (PRATT, 1992), onde línguas e culturas se encontram em meio às relações desiguais de poder. As relações de poder presentes em quaisquer interações humanas são marcadas pelas hierarquias criadas nos processos de legitimação e visibilização das identidades sociais de classe, raça, gênero, sexualidade, assim como as intersecções com outras dimensões identitárias associadas a idade, capacidades, língua, território, nacionalidade, neurotipicidade, aparência, dentre outros fatores. Assim sendo, os espaços formais de educação linguística são inerentemente lugares diversos e multiculturais (KUBOTA, 2004), que têm o potencial de desenvolvimento de uma consciência intercultural crítica (WALSH, 2010).

O entendimento da importância dos contextos sociais e como esses são afetados por relações de poder, especialmente nos processos opressivos impostos aos sujeitos auto- e hetero-identificados como minoritarizados nas sociedades capitalistas,

patriarcais, heteronormativas, racistas, sexistas, capacitistas, etaristas, e linguicistas, leva-nos à invenção e interrogação de pedagogias para o ensino e aprendizagem de línguas pautadas em bases eurocêntricas. Tais pedagogias podem, por exemplo, ser informadas e transformadas por meio da praxiologia freireana, que trabalha em direção à decolonização de nossos saberes e à construção de uma educação que é capaz de construir diálogos entre saberes sem hierarquizações e de forma coletiva buscando justiça cognitiva e ambiental. Nosso interesse por (re)conhecer as possíveis pedagogias com entrelaçamentos críticos na educação linguística em contextos diversos nos inspira a organizar o presente volume.

Nós, as organizadoras deste dossiê, entendemos que a educação linguística pode ser caracterizada por relações mais horizontalizadas e democráticas nos processos sociolinguísticos de construção de sentidos sobre nós mesmos, sobre a educação linguística e a formação de professoras/es de línguas, que precisam englobar sujeitos, entornos, territórios e culturas, ampliando a concepção desses dois campos de conhecimento.

Além disso, achamos relevante considerar espaços formais e informais de educação linguística, onde diferentes conceptualizações de língua (estrangeira, adicional, nova, segunda, materna, outra etc.) são subjacentes à *práxis* intencionalmente transformadora. Consideramos contextos que refletem a mobilidade de populações pelo mundo e as mudanças que ocorrem a partir da formação de novas identidades linguísticas e transnacionais, assim como contextos de práticas linguísticas marginalizadas/ invisibilizadas e as de resistência.

Assim, imaginamos um dossiê com artigos que problematizassem questões do ensino de língua propriamente dito, assim como discussões que atravessassem tal ensino, quais sejam: políticas linguísticas, produção de materiais de ensino e formação de professoras/es, dentre outras. Além disso, interessavam-nos métodos diversos de pesquisa, especialmente aqueles menos explorados no campo dos estudos linguísticos. Em decorrência, o presente volume surge como resultado do nosso esforço de trazer às/aos leitoras/es da *Pensares em Revista*, professoras/es de línguas, formadoras/es de professoras/es e outras/os educadoras/es ou profissionais interessadas/os nos estudos da linguagem, trabalhos que revelam caminhos possíveis no presente e no futuro nesses campos. Portanto, é com muita alegria que apresentamos os textos que constituem este Dossiê.

Neste volume, as/os leitoras/es encontrarão: diferentes conceptualizações de língua e linguagem; pedagogias inovadoras para o ensino de línguas e formação de professoras/es; riqueza teórica na pesquisa e na práxis no campo da educação linguística; problematizações sobre conceitos muito em voga na atualidade como colonialidade e decolonialidade, humanismo e pós humanismo, branquitude e antirracismo, epistemologias indígenas e quilombolas; e literatura e leitura literária e sua tradução no universo da educação linguística. Os textos de natureza teórica, e aqueles que exploram diferentes métodos de pesquisa e ensino e as discussões neles apresentadas podem impactar, como imaginamos ao lançarmos a proposta deste dossiê, indagações, ações e transformações relacionadas a processos de ensino e aprendizagem, políticas educacionais, políticas de internacionalização da educação superior, formação de professoras/es, leitura literária, letramentos e alfabetização. São várias e instigantes as oportunidades de aprendizagem e reflexão que a leitura do dossiê oferece, nos artigos, na resenha e na entrevista brevemente descritas a seguir.

Para recepcionar as/os leitoras/es, abrimos as portas com a chave da linguagem e suas implicações educacionais. Essa temática circula por três artigos desenhando um percurso de leitura.

A compreensão da linguagem envolve a agência de suas/seus usuárias/os e (re)criadoras/es ao intervirem na reconstrução de sentidos e mudanças outras num projeto outro de sociedade de educação, conforme acenam Andrade, Oliveira, Silva e Takaki. O texto invoca reflexões teórico-conceituais sobre linguagem, explorando as interseções do círculo de Bakhtin, letramentos críticos, decolonialidade e pós-humanismo crítico. As interseções identificadas se mostram profícuas para investigações atinentes à educação linguística com vistas às possibilidades de redução dos impactos das desigualdades sociais. Nesse horizonte incompleto, o pressuposto Volóchinoviano de linguagem parece bastante pertinente.

Prosseguindo na direção da justiça social, Mattos e Jucá discutem uma abordagem de formação crítica de professoras/es, enfocada na ideia de justiça social. Dentre as diversas temáticas exploradas nas práxis da autoria do artigo, o tema *violência e bullying* nas escolas se destacou como impulsionadora de uma discussão que correlaciona educação linguística com questões de violência e justiça. Tratam da abordagem comunicativa e de letramento crítico em cursos pautados em

habilidades integradas. Esse relato da experiência pedagógica enfatiza que a busca por formação crítica de professores é um processo.

Em *A framework-in-action for reconstructive analysis in language and literacy teacher education*, Calle-Diaz e Rogers propõem um modelo-em-ação ou estrutura ativa para a análise reconstrutiva do discurso na formação de professoras/es de línguas, alfabetização e letramento partindo de exemplos e perguntas provocativas. Usando o mapeamento comunitário como estratégia para formação de professoras/es, o artigo apresenta um exemplo “positivo” de prática na formação de professoras/es que busca tornar visíveis os letramentos comunitários e situar/localizar a aprendizagem nas comunidades em que as/os professoras/es atuam. Interrogando a branquitude que orienta a leitura das experiências de educandas/os, o “modelo” proposto por Calle-Diaz e Rogers pode ser aplicado na análise recidiva do discurso de vários textos que circulam no mundo da educação linguística.

Expandindo as leituras deste dossiê, as/os leitoras/es poderão saborear a caminhada com mais “mão na massa”. A problematização da implementação de uma política linguística na rede municipal de ensino de Goiânia, a partir das práxis, revela, no artigo *O antes e o logo depois da implementação do DC-GO: ampliado na minha prática pedagógica diária como professor de Inglês da RME de Goiânia, GO*, como sequências didáticas em aulas de inglês de uma escola municipal criam oportunidades de aprendizagem de língua entrelaçadas com temáticas críticas, tais como gênero e raça. A práxis investigada por Lima Neto, possibilitada pela (re)leitura da política linguística, instiga a reflexão e o engajamento de estudantes.

Com propósito intervencionista, *O agir dos professores iniciantes em foco: um estudo de relatórios de estágio sob o viés interacionista sociodiscursivo* apresenta como o agir docente de professores iniciantes está representado em relatórios de estágio supervisionado, no curso de Letras-Inglês (EaD). Lima e Dias buscam descrever o contexto de produção dos relatórios, verificar os elementos que constituem o agir docente nesses textos e analisar o que esses elementos revelam sobre o trabalho docente a partir da abordagem do Interacionismo Sociodiscursivo e da Semântica do Agir.

Pondo em cena a importância de revisão do habitus interpretativo (MONTE MÓR, 2018), o artigo *Práticas de expansão interpretativa na tradução literária: por uma educação linguística crítica na formação de tradutores?* discute o

desenvolvimento de práticas de tradução que promovem uma educação linguística crítica, fomentando uma postura que vai além de verdades fixas em relação à construção dos significados e suas traduções. Marins discute a expansão interpretativa na tradução literária através do uso de diferentes estratégias tradutórias para valorizar as vozes silenciadas de determinados grupos sociais.

Uma terceira via de leitura necessária, ao menos para nós, compreende educação pela visão de língua portuguesa em diferentes lugares. Apresentando português como acolhimento (PLAc), Queiroz aceita o desafio de ressignificá-lo com teor geo-onto-epistemológico profundamente decolonial e atualizado. Este artigo é fruto de uma tese de doutorado, cuja metodologia é qualitativa e interpretativista, em que duas questões instigantes nos atraem: “De que acolhimento estamos falando? A institucionalização do PLAc torna o lócus da/o (i)migrante universal e homogêneo?”

O artigo *Árvores, famílias, ruas, rios, florestas e praças no Museu da Língua Portuguesa: entrelaçamentos epistemológicos*, de Mizan e Ferraz, discute o caso da exposição temporária *Nhe’ẽ Porã: Memória e Transformação* no museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, problematizando como a língua portuguesa é posta em perspectiva, a partir das epistemes de povos indígenas e quilombolas. Mizan e Ferraz também discutem o espaço educacional do museu em relação à acessibilidade dos corpos, à exposição permanente do museu e problematizam as contradições no tocante às noções de língua e linguagem de estudantes.

Já revestidos de experiências das leituras anteriores, a subsequente retoma pistas e curvas que acentuam a decolonialidade.

O livro didático para o ensino de línguas, mais especificamente o inglês, está no centro das discussões sobre letramentos digitais e decolonialidade no artigo *Reflexões sobre letramentos digitais no livro didático de língua inglesa e sua relação com decolonialidade*. Com Santana e Nascimento, vemos como a dimensão crítica dos letramentos digitais no ensino de línguas ainda está aquém do que as práticas sociais demandam na cidadania contemporânea, e a formação de professoras/es para a promoção de letramentos críticos, digitais e outros, revela-se, como sempre, importante, pois “o aluno aprenderá a língua a partir de contextos reais e concretos, o que inclui os ambientes digitais e b) o discente torna-se agente ativo na construção do conhecimento, agindo, intervindo e refletindo sobre suas práticas”.

O dossiê apresenta também uma resenha crítica do livro *Colaboração e crítica na formação de professores/as de línguas: teorizações construídas em uma experiência com o Pibid*, escrito por Silvestre. Pereira, Matias e Silva definem o livro como inovador por reconhecer professoras/es da educação básica como pesquisadoras/es e recomendam a leitura do livro como estratégia de fortalecimento da profissão docente.

Finalmente, para deixar os(as) leitores(as) com água na boca para ler o capítulo do livro *The impact of democracy crises on language education in a regular school in Cidade Tiradentes*, apresentamos uma entrevista com sua autora Ana Paula Guimarães. A Doutora em Letras, pesquisadora e professora da Educação Básica retoma a sua trajetória de formação profissional, reflete a educação a partir do mundo das/os educandas/os e das práticas desenvolvidas para ampliar os repertórios linguísticos das/os estudantes e discorre sobre a realidade a partir de seu lócus de enunciação como mulher preta, periférica e professora.

Que você tenha uma proveitosa leitura!

As organizadoras

REFERÊNCIAS

KUBOTA, R. Critical multiculturalism and second language education. In: NORTON, B.; TOOHEY, K. (ed.). **Critical pedagogies and language learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 30-52.

MONTE MÓR, W. Letramentos críticos e expansão de perspectivas: diálogo sobre práticas. In: JORDÃO, C. M.; MARTINEZ, J. Z.; MONTE MÓR, W. (org.). **Letramentos em prática na formação inicial de professores de inglês**. Campinas: Pontes, 2018. p. 315-335.

PRATT, M. L. **Imperial eyes: travel writing and transculturation**. Routledge: New York, 1992.

WALSH, C. Interculturalidad crítica y educación intercultural. In: VIAÑA, J.; TAPIA, L.; WALSH, C. **Construyendo interculturalidad crítica**. Bolivia: Instituto Internacional de Integración: Convenio Andres Bello, 2010. p. 75-96.

Sobre as autoras

Miriam Jorge

Ocupa a cátedra Shopmaker de Educação e Estudos Internacionais na Unviersidade do Missouri - Saint Louis, nos Estados Unidos. Doutora em Linguística Aplicada, pesquisa educação linguística em contextos diversos, incluindo o ensino para bilingues emergentes e bilingues racializados. Sua pesquisa aborda os entrelaçamentos entre linguagem, educação crítica, raça e justiça social.

Nara Hiroko Takaki

Possui graduação em Inglês e Português pela Universidade de São Paulo (1988), graduação em Licenciatura: Inglês e português pela Universidade de São Paulo (1989), mestrado em Letras modernas (Português e Inglês) pela Universidade de São Paulo (2004) e doutorado em Letras pela Universidade de São Paulo (2008). É professora associada da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Linguagem, interpretação, sociedade, atuando principalmente nos seguintes temas: letramentos críticos, decolonialidades, translinguagem, pós-humanismo. Líder do grupo de pesquisa Educação crítica, criativa e ética por Linguagens, Transculturalidades e Tecnologias. Membro do GT Transculturalidade, Linguagem e Educação da ANPOLL. Membro do Projeto Nacional de Letramentos (USP).

Rosane Rocha Pessoa

Professora titular de Língua Inglesa no Curso de Letras e no Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, Regional Goiânia, atuando, neste momento, como professora voluntária. Possui doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Minas Gerais (2002). Desde 2016, coordena juntamente com a Profa. Dra. Viviane Silvestre (UEG), o GEPLIGO (Grupo de Estudos de Professoras/es de Língua Inglesa de Goiás), com parcerias estabelecidas com a SME-Goiânia e a SEDUC-GO. Desenvolve pesquisas nas áreas de ensino e de formação de professoras/es de línguas fundamentadas em perspectivas críticas e decoloniais.

Souzana Mizan

Possui Pós-doutorado (2016), Doutorado (2011) e mestrado (2005) em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo e Graduação em Educação e Letras da Universidade de Tel-Aviv (1992). É professora adjunta de graduação na área de Língua Inglesa e suas Literaturas no Departamento de Letras da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH) da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e de pós-graduação no Programa de Pós-graduação em Letras da mesma instituição. Participa do Projeto Nacional de Letramentos - Ciclo 3: Linguagens, Letramentos e Decolonialidade, sediado na USP e liderado pelos Professores Doutores Daniel de Mello Ferraz e Ana Paula Martinez Duboc. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Letras Estrangeiras, atuando principalmente nos seguintes temas: educação linguística, letramentos (visual, crítico, digital), multimodalidade, pedagogia crítica e epistemologias feministas, indígenas e quilombolas.